

O PROGRESSO DO CRATO A PARTIR DA CRIAÇÃO DE SUA DIOCESE

Francisco Joel Magalhães da Costa-UFC
joelmagalhaes1@gmail.com

Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior
Professor da UECE e do PÒSFACED/UFC
elmovasco@gmail.com

RESUMO

Nossa pretensão com o presente trabalho é compreender como se deu o progresso do Crato, a partir da criação de sua Diocese e a ação do seu primeiro bispo, Dom Quintino. O espaço desta pesquisa é a região do Cariri, em especial, a cidade do Crato, sede da diocese criada na região do Cariri, situada ao sul do Estado do Ceará, dentro de uma dinâmica histórica, política, social e cultural que evoluiu, a partir da concepção de um projeto de educação, marcado pela participação política e educacional da Igreja. Este estudo foi produzido, a partir de uma pesquisa bibliográfica embasada teoricamente por Le Goff (1990); Bárbara Tuchman (1991); Elias (1994), e outros autores: Pinheiro (2009); Parente (2000) e Azzi (1977), cujas obras apresentam dentro de um contexto regionalizado, estudos pertinentes ao tema desenvolvido neste trabalho.

Palavras-chave: Progresso. Educação. Diocese.

INTRODUÇÃO

A ideia de progresso não é uma concepção nova. Na realidade, é um conceito de longa duração, o qual é revelado, e somente revelado, através da pesquisa histórica. A ideia de progresso se estende desde a Antiguidade, figurada no meio culto, atrelada ao avanço científico, discorrendo na Idade Média com o desenvolvimento das cidades e o surgimento das Universidades, e triunfando ideologicamente com a Revolução Francesa, chegando ao tempo hodierno com a ideia de desenvolvimento, cujo conceito foi transformado, a partir do aparecimento do Terceiro Mundo.

Dentro da perspectiva de progresso, e posteriormente desenvolvimento, procuramos apresentar a cidade do Crato, a partir de sua reestruturação urbana em finais do século XIX e início do século XX, culminando com a criação da sua Diocese, em 1914, exaltando a figura de Dom Quintino, seu primeiro Bispo, responsável por vários projetos desenvolvimentistas e importantes para a cidade, especialmente na área educacional com fundações de escolas, colégios e internatos.

Nossa pesquisa implica num estudo bibliográfico entre livros e textos variados de diferentes autores e diferentes aportes teóricos. No bojo referencial-teórico, destacamos

Jacques Le Goff, cuja obra “História e Memória” nos apresenta os conceitos sobre progresso; destacamos a narrativa histórica de Irineu Pinheiro¹ sobre os fatos históricos do Crato de forma objetiva e clara para o leitor e/ou pesquisador. Em comum acordo com Barbara W. Tuchman² quando diz:

Quem escreve sobre história tem, parece-me, várias obrigações com o leitor, se quiser conservá-lo. A primeira é destilar. Deve fazer o trabalho preliminar para o leitor, reunir as informações, dar-lhes sentido, selecionar o essencial, rejeitar o irrelevante – sobretudo rejeitar o irrelevante – e colocar o restante de modo a formar uma narrativa dramática que se desenvolve. A narrativa, já se disse, é o elemento vital da história. (TUCHMAN, 1991, pg. 10).

Os dois autores retro citados, juntos, serviram de base de apoio de nossa discussão.

A Historiografia de Crato

Muitos fatores contribuíram para o progresso do Crato, segundo Pinheiro (2009), entre eles, estão: a fertilidade do solo, as várias fontes e a alta precipitação de chuvas. Esses fatores naturais foram responsáveis por atrair elementos humanos de outras partes do estado, sobretudo das províncias circunvizinhas.

Esse deslocamento migratório, naturalmente, elevou a população cratense, fato que ampliou a demanda consumista, potencializando o comércio local, contribuindo para abertura de lojas, armazéns, mercearias, estadias, barbearias e cafés, etc., alterando a estrutura urbana da cidade. Sobre essa reestruturação urbana, Pinheiro comenta que, “A par do aperfeiçoamento das construções urbanas, a partir da década de 1850, refinavam-se os costumes, no Crato”, (ibid., pág. 83).

Vimos, a partir das colocações anteriores, um progresso pautado na economia e na ascensão demográfica, processo esse, que desencadeou novos investimentos urbanos públicos e particulares, acompanhados da chegada de famílias de outras cidades, sobretudo de cidades que declinavam, como o Icó, propiciando a formação de uma elite na sociedade cratense.

¹ Irineu Nogueira Pinheiro (Crato, 1881 – Crato, 1954) foi um historiador regional, escritor e jornalista brasileiro. Era filho de Manuel Rodrigues Nogueira Pinheiro e Irinéia Pinto Nogueira. Fundou o Correio do Crato, colaborou com o Correio do Cariry, A Região, O Araripe, Crato-jornal e A Ação, além do Rotary Club do Crato. Em 1910 formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi o primeiro presidente do Instituto Cultural do Cariri, em 1953.

² Barbara Wertheim Tuchman (1912-1989) foi uma escritora e historiadora autodidata estadunidense. Ficou conhecida pelo livro *The guns of August* (Os canhões de agosto, no Brasil), uma história do prelúdio do primeiro mês da Primeira Guerra Mundial que lhe garantiu o prêmio Pulitzer.

À criação do Bispado do Ceará, confirmada pela bula “Pro animarum salute” do Papa Pio IX, em 1854, pode ser considerado outro fator de contribuição para ascensão do Crato. De acordo com Pinheiro, “... foi o bispado do Ceará poderoso elemento de cultura e civilização do nosso povo. Imprimiram os seminários maior pureza à vida do clero cearense, proporcionando-lhe melhor formação intelectual, moral e religiosa”. (PINHEIRO, 2009, p. 90).

Dom Luiz Antônio dos Santos foi o escolhido do Governo do Império para ocupar o recém-criado bispado do Ceará, decisão aprovada pela Santa Sé. Essa decisão obedecia ao processo de centralização do comando da Igreja Católica na Santa Sé, em Roma, iniciada depois da Proclamação da República em 1889 e o término do Padroado³ no Brasil, viabilizando a criação de mais dioceses no território nacional, possibilitando uma melhor administração da província eclesiástica brasileira, processo denominado de Romanização⁴.

A expansão eclesial objetivava a cobertura em todo o país, a partir de um ordenamento territorial, com criação de dioceses nas regiões de maior importância econômica, acompanhada da construção de escolas confessionais. A sede de um bispado no município pode proporcionar desenvolvimento no setor da saúde, da política, da cultura e da educação. Tudo isso provoca bons tempos à vida social e econômica da cidade, numa escala de tempo futuro, fortalecendo os preceitos da Igreja na nova sociedade.

Antes da criação da Diocese do Crato, a região havia recebido de Dom Luís Antônio dos Santos, primeiro bispo do Ceará, autorização para a construção do Seminário do Crato, em retribuição ao povo cratense, pelo auxílio na construção do Seminário de Fortaleza, pedido em carta, na qual continha o seguinte conteúdo:

D. Luiz Antônio dos Santos, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo da Fortaleza, do Conselho de S. M. o Imperador, etc. etc.

A todos os fiéis da Freguesia do Crato.

Sendo o estabelecimento dos Seminários eclesiásticos tão recomendado pelo Sacro Concílio Tridentino, que muito bem soube apreciar a utilidade e grande proveito de uma instituição, onde se devem formar e instruir nas ciências e virtudes os clérigos, que devem depois continuar a grande obra do Filho de Deus, que quer que a sua

³ O padroado foi, durante o colonialismo, o consenso mais visível da relação entre o poder temporal e o eclesiástico para a formação de um projeto colonizador da monarquia portuguesa e o projeto missionário da Igreja Católica no Novo Mundo. Por conta do Padroado cabia ao Rei de Portugal recolher os dízimos, apresentar os postulantes aos cargos eclesiásticos e prover as condições para o culto, ao mesmo tempo em que, enquanto rei, conservar o direito de propor a criação de novos bispados e seus titulares. Com a Independência do país, o mesmo direito foi colocado nas mãos do Imperador brasileiro pelo Papa.

⁴ O antropólogo Roger Bastide chamou de romanização – o processo de tornar a Igreja Católica da América Latina cada vez mais administrada por Roma, principalmente após o Concílio do Vaticano I em 1870, que procurou traçar o caminho a ser seguido pela Igreja no mundo dos ideais liberalizantes. PARENTE, Francisco José Camelo. A fé e a razão na política: conservadorismo e modernidade das elites cearenses. Fortaleza: Edições UFC/Edições UVA, 2000, pág. 78.

Igreja continue até o fim dos séculos, e vendo Nós com a maior dor do Nosso coração que esta Nossa Diocese da Fortaleza ainda se acha privada de tão necessário estabelecimento, onde, se possam os numerosos candidatos ao Sacerdócio, que quase cotidianamente a Nós se apresentam, ser recolhidos e instruídos nas matérias próprias de um tão alto Estado, e educados convenientemente às funções que um tal estado exige, deixando desta arte de ir mendigar nos Seminários dos outros Bispados e com maior despesa o que poderão conseguir no seu; e achando-Nos privado dos meios de lançarmos já os fundamentos de tão profícua obra, e que não deixará por certo muito honrar os religiosos habitantes deste Bispado, cuja fé e boa vontade tão conhecidas são; Nós, amados filhos, com as vistas em Deus, e nutrindo a mais bem fundada esperança de sermos atendidos, recorreremos à vossa caridade e vos pedimos em nome da Igreja Católica, nossa boa mãe, e em nome da pobre e ainda nova Igreja Cearense, uma esmola. É um Bispo pobre que vos pede uma esmola, não para engrandecer e aformosear a sua casa, mas para vós mesmos, para vossos filhos e vindouros que, bendizendo a vossa memória, se utilizarão do edifício que queremos legar à Diocese da Fortaleza. Vossos nomes, meus amados filhos, não só ficarão escritos no Edifício, que com vossas esmolos edificardes, mas ainda no grande livro da vida para na Bem-aventurança eterna receberdes o prêmio da vossa caridade. A causa é de todos, e todos devem para ela concorrer, cada um com o que as suas posses permitirem. Não exigimos grande sacrifício da vossa parte, mas só desejamos que ninguém se escuse de pequena contribuição que pedimos para a obra de tão grande alcance moral e civil. E para que a coleta se faça com regularidade e presteza, autorizamos o Rdo. Pároco dessa Freguesia a nomear uma comissão de seis membros, sendo ele mesmo um deles, a fim de agenciarem as esmolos, que serão por intermédio do mesmo Rdo. Pároco, remetidas ao nosso Vigário Geral e Provisor nesta Capital. Dada na cidade de Fortaleza, aos 3 de Dezembro, dia do Apóstolo das Índias, São Francisco Xavier, do ano de 1861. “Luiz Bispo do Ceará”. (PINHEIRO, 2009, págs. 164-165).

Depois da ajuda solicitada e recebida do povo cratense, Dom Luís Antônio dos Santos, numa visita ao Crato em 1874, retribuiu o favor com a aprovação de construção do Seminário São José, inaugurado em 1875, caracterizando a Igreja Católica como partícipe do progresso material, social e espiritual do Crato, a partir da criação do primeiro seminário do interior do Ceará, que funcionou como seminário menor até 1922, quando ascendeu a Seminário Episcopal do Crato (seminário maior)⁵. Desde o seu início, o seminário prestou vários serviços ao povo do Crato, servindo como colégio, inclusive estendendo a sua instrução aos estados vizinhos.

Muitas agremiações e instituições criadas pela elite intelectual e econômica local tiveram como “locus” o seminário. Como exemplo, citamos: o “Circo Literário” voltado para a oratória; um pequeno jornal chamado “a liça”; uma cooperativa de crédito; hospitais; e entre os colégios, estão: São Tomaz de Aquino, Leão XIII, Ginásio Cratense, S. José e o Diocesano. A maioria dessas instituições foi criada sob o reitorado do Padre Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, que viria a ser o primeiro bispo do Crato.

⁵ Seminário menor é o lugar onde se realizam os primeiros anos da formação dos [seminaristas católicos](#) que irão ser ordenados [sacerdotes](#) para a Igreja Católica. Normalmente o seminarista passa entre dois e quatro anos no seminário menor, e depois, entra na segunda fase de formação que é o seminário maior, onde conclui os estudos de Filosofia e Teologia. Antes de 1922, a maioria dos seminaristas que concluíam o seminário menor no Crato continuava os seus estudos no Seminário maior (Seminário da Prainha) em Fortaleza.

Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, o primeiro bispo de Crato

Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva nasceu em 31 de outubro de 1863, em Quixeramobim, município brasileiro do estado do Ceará, localizado na mesorregião dos sertões cearenses, distante 203 km da capital Fortaleza. Naquele município iniciou seus estudos com as primeiras letras e o curso de Humanidades antes de matricular-se, em 1881, no Seminário de Fortaleza, onde foi ordenado padre em 1887.

Uma vez ordenado, no mesmo ano, foi nomeado coadjutor da freguesia de Missão Velha, dando início a sua jornada na região caririense, que findaria com a sua morte, na cidade do Crato, em 29 de dezembro de 1929. Depois de Missão Velha, passou por Iguatu, e em seguida Crato, colaborando na abertura do Seminário Menor de São José, onde lecionou português, latim e francês, assumindo o reitorado da instituição.

Sua caminhada continuou como vigário da freguesia do Crato, a mais populosa e importante paróquia do Sul do Ceará, função que exerceu por cerca de quinze anos até ser nomeado bispo da então diocese do Piauí, antes de assumir a recém-criada Diocese do Crato como primeiro bispo da instituição eclesial.

Dom Quintino, como bispo do Crato, além de priorizar as atividades espirituais, protagonizou grandes realizações que modificaram o cenário social e econômico do Cariri: organizou a Cúria Diocesana; reabriu o antigo Ginásio São José; criou, em 1921, a primeira instituição de crédito do Sul do Ceará, o Banco do Cariri, que prestou grandes benefícios ao comércio e à lavoura da região; também providenciou a elevação para seminário maior, em 1922, do Seminário Episcopal do Crato, destinado à formação do clero; fundou ainda o jornal “A Região” que circulava em toda a diocese, bem como o “Boletim Eclesiástico”, destinado à orientação do clero; criou simultaneamente em 1923: o Colégio Santa Teresa de Jesus, para a educação da juventude feminina e a congregação religiosa Filhas de Santa Teresa de Jesus.

A microrregião do Crato no contexto micro-histórico

A cidade do Crato está localizada na microrregião do Cariri⁶, fazendo fronteira com os municípios limítrofes de Farias Brito, Caririagu, Juazeiro do Norte, Barbalha, Nova Olinda, Santana do Cariri, Exu e Moreilândia, os dois últimos no estado de Pernambuco.

⁶ A microrregião do Cariri é uma das microrregiões do estado pertencente à mesorregião sul do Ceará, com área total de 4.115,828Km² e é composta por oito municípios: Barbalha, Crato, Jardim, Juazeiro do Norte, Missão velha, Nova Olinda, Porteiras e Santana do Cariri.

Diante desse quadro geográfico e dos esclarecimentos feitos por PINHEIRO (2009) sobre a reestruturação urbana e o refinamento dos costumes do povo cratense, justifica a direção da pesquisa para a História cultural, pois, a mesma ver a história com novos olhares. Segundo Pesavento: “não mais como uma mera história do pensamento, onde se estudava os grandes nomes de uma dada corrente ou escola. Mas, que tende a enxergar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo⁷”.

Dessa maneira, o transitar no mundo dos significados construídos e partilhados entre os homens conclama pelos conceitos micro-históricos, e é através destes conceitos que os historiadores se defrontam com ramificações de outras áreas de conhecimento, dinamizando a pesquisa e tornando-a satisfatória.

Nesse caminho, o historiador que conta com os conceitos da Nova História Cultural, tem a possibilidade de vislumbrar os acontecimentos e fatos que a historiografia tradicional não permitiria o olhar com clareza, além de trazer à luz dados que estavam dormentes, fortalecendo a sua análise, tornando-a mais criteriosa, justa e democrática. Ainda segundo o pensamento de Reznick,

Ao eleger o local como circunscrição de análise, como escala própria de observação, não abandonamos as margens (...), as normas, que, regra geral, ultrapassam o espaço local ou circunscrições reduzidas. A escrita da história local costura ambientes intelectuais, ações políticas, processos econômicos que envolvem comunidades regionais, nacionais e globais. Sendo assim, o exercício historiográfico incide na descrição dos mecanismos de apropriação – adaptação, resposta e criação – às normas que ultrapassam as comunidades locais.⁸

Dentro da sua particularidade, a obra micro-histórica é bastante subjetiva e, em certo sentido, dependente de intuições e de uma incansável observação para ler nas entrelinhas.

Da ideia de Progresso à ideia de desenvolvimento

Segundo Pinheiro, “Muito concorreu para o progresso do Crato a imigração de elementos de outras partes do Ceará...”, (PINHEIRO, 2009, pg. 81); “Outro fator de progresso moral no Crato e em todo o Cariri foi a criação em 1853 do Bispado do Ceará...” (ibid., pg. 89). Vimos o uso do vocábulo “progresso” nas citações para descrever o avanço do Crato, ainda no século XIX. De acordo com Le Goff, “A partir do final do século XVIII a noção de progresso permaneceu confinada à Europa e aos Estados Unidos da América e, depois de

⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e história cultural. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004. Pag. 14 e 15.

⁸ REZNIK, Luís. Qual o lugar da história local? Artigo publicado em www.historialocal.com.br, acessado em 25.03.2014.

1867, ao Japão, até que o século XX levantou problemas relativos ao desenvolvimento do Terceiro Mundo⁹". (LE GOFF, 1990, pg. 232).

Ainda segundo Le Goff, para os gregos não existia o termo progresso, a ideia era avançar, essencialmente ligada ao material, mas os pensadores e políticos não gostavam de mudança, que significava para eles desordem e corrupção. A partir do século V, a ideia de progresso passou a figurar entre os cultos, que ligavam a noção de progresso ao avanço científico.

A descrença à ideia de progresso continua na Idade Média, sobretudo por dois fatores: o cristianismo e o feudalismo. Por um lado, a dicotomia entre progresso material e progresso moral, tornava-se um obstáculo, por outro lado, a valorização da subsistência obstaculizava a ideia de crescimento. Assim como na Antiguidade, durante a Idade Média, também houve lampejos de aceitação da ideia de progresso com o desenvolvimento das cidades e o surgimento das universidades.

Entre os séculos XVI e XVIII, a ideia latente de progresso se expõe entre os intelectuais, mas, com certos limites, e muito atrelada ao avanço científico. Após 1740, o conceito se desenvolve no meio econômico-político, histórico e filosófico, triunfando ideologicamente com a Revolução Francesa.

No século XIX, a ideia de progresso se solidifica com os progressos técnico-científicos, liberalismo, instrução, alfabetização, democracia e revolução industrial. Um fator importante é notar a apresentação de um novo tipo de progresso, o progresso humano, com preocupações voltadas ao conforto, bem-estar e segurança. A partir do século XIX, as instituições passam a difundir a ideia de progresso.

O termo progresso e seu conceito adquire reconhecimento no século XX e passa a fazer parte de vários lemas, como: civilização e progresso; democracia e progresso; liberdade e progresso, entre outros. Mas, a partir de meados do século XX, com a titularização dos países pobres como países do Terceiro Mundo e o antagonismo entre países desenvolvidos e países subdesenvolvidos, a ideia de desenvolvimento passou a sufocar a ideia de progresso. A ideia geral de progresso se fragmentou e se particularizou em setores, transformando-se em processos de progresso, deixando o termo desenvolvimento para determinar, na sua amplitude, a ideia de progresso.

⁹ LE GOFF, Jacques. História e memória / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

Conclusão

Diante dos fatos e atos acima expostos por Pinheiro (2009), é notável o progresso material do Crato: o aumento populacional e a estruturação urbana; o aumento do comércio com aberturas de novas lojas, armazéns, mercearias, pontos de estadias, barbearias, cafés e outros pontos comerciais. Um pouco mais de uma centena de jornais, entre eles: O Araripe, a Gazeta do Cariri, o Sul do Ceará e o Correio do Cariri. Muitos deles de cunho religioso, fundados sob a influência do Seminário Menor de São José, e posteriormente, pela Diocese. A partir do seminário e da diocese, multiplicou-se o número de colégios, abriram-se hospitais, capelas e instituição financeira. Por outro lado, surgia o questionamento quanto ao progresso moral e humano. Os indivíduos se tornaram mais éticos? Eles desfrutaram de maior segurança, conforto e bem-estar?

A ideia de desenvolvimento, em substituição à ideia de progresso fragmentada em processos de progresso, não se estanca com o crescimento e acumulação material, ela vai adiante, vai mais a frente, o que nos remete a um dos conceitos civilizatórios de Norbert Elias¹⁰ quando diz, “Civilização descreve um processo ou, pelo menos, seu resultado. Diz respeito a algo que está em movimento constante, movendo-se incessantemente - para frente” (ELIAS, 1994, pg. 24).

Nesse sentido, ao contrário das criaturas da quarta vala do Oitavo Círculo do Inferno de Dante¹¹ com suas cabeças voltadas para trás e proibidas de olhar para frente, o pesquisador – historiador da educação – deve olhar em todas as direções, como se estivesse num tipo de “presentismo”, não no sentido patológico, onde o corpo está presente e a mente divagando no mundo da lua, mas no sentido lúcido e investigativo, onde a mente e o corpo estão presentes e o olhar voltado para trás – privilegiando o passado, mas sem deixar de olhar para frente – observando o futuro.

Referências

ALIGHIERI, Dante, 1265-1321. A divina comédia. Dante Alighieri; tradução de Fábio M. Alberti – Porto alegre: L&PM, 2004. (Coleção L&PM Pocket).

ALVES, Márcio M. A. A igreja e a política no Brasil. São Paulo: Brasiliense. 1979.

AUBERT, Roger. Nova história da Igreja. A Igreja na sociedade liberal e no mundo moderno. Petrópolis: Vozes, 1978.

¹⁰ Elias, Norbert, 1897-1990. O processo civilizador / Norbert Elias; tradução Ruy Jungman; revisão e apresentação, Renato Janine Ribeiro. 2ª. Edição – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

¹¹ Dante Alighieri (1265-1321). Escritor, poeta e político italiano. Autor de A Divina Comédia.

AZZI, Riolando. O episcopado do Brasil frente ao catolicismo popular. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. O início da restauração católica no Brasil: 1920-1930. Petrópolis: Síntese, nº 10, mai/ago 1977.

_____. A educação católica no período da romanização da Igreja do Brasil: 1840-1960. Rio de Janeiro: Convergência, jan.-fev./1990 (pág. 48-64).

BOFF, Leonardo. Igreja: Carisma e Poder. Petrópolis-RJ. Ed. Vozes, 1981.

ELIAS, Norbert, 1897-1990. O processo civilizador / Norbert Elias; tradução Ruy Jungman; revisão e apresentação, Renato Janine Ribeiro. 2ª. Edição – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

LE GOFF, Jacques. História e memória / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão... [et. al.] -- Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

PARENTE, Francisco Josênio Camelo. A fé e a razão na política: conservadorismo e modernidade das elites cearenses. Fortaleza: Edições UFC/Edições UVA, 2000, pág. 78.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e história cultural. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

PINHEIRO, Irineu. O Cariri: seu descobrimento, povoamento, costumes. – Irineu Pinheiro. – Ed. Fac. Sim. – Fortaleza: FWA, 2009. 296p. – (Coleção biblioteca Básica Cearense).

REZNIK, Luís. Qual o lugar da história local? Artigo publicado em www.historialocal.com.br, acessado em 25.03.2014.

TUCHMAN, Barbara Wertheim, 1912-1989. A prática da história / Bárbara W. Tuchman; tradução de Waltensir Dutra. – Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.